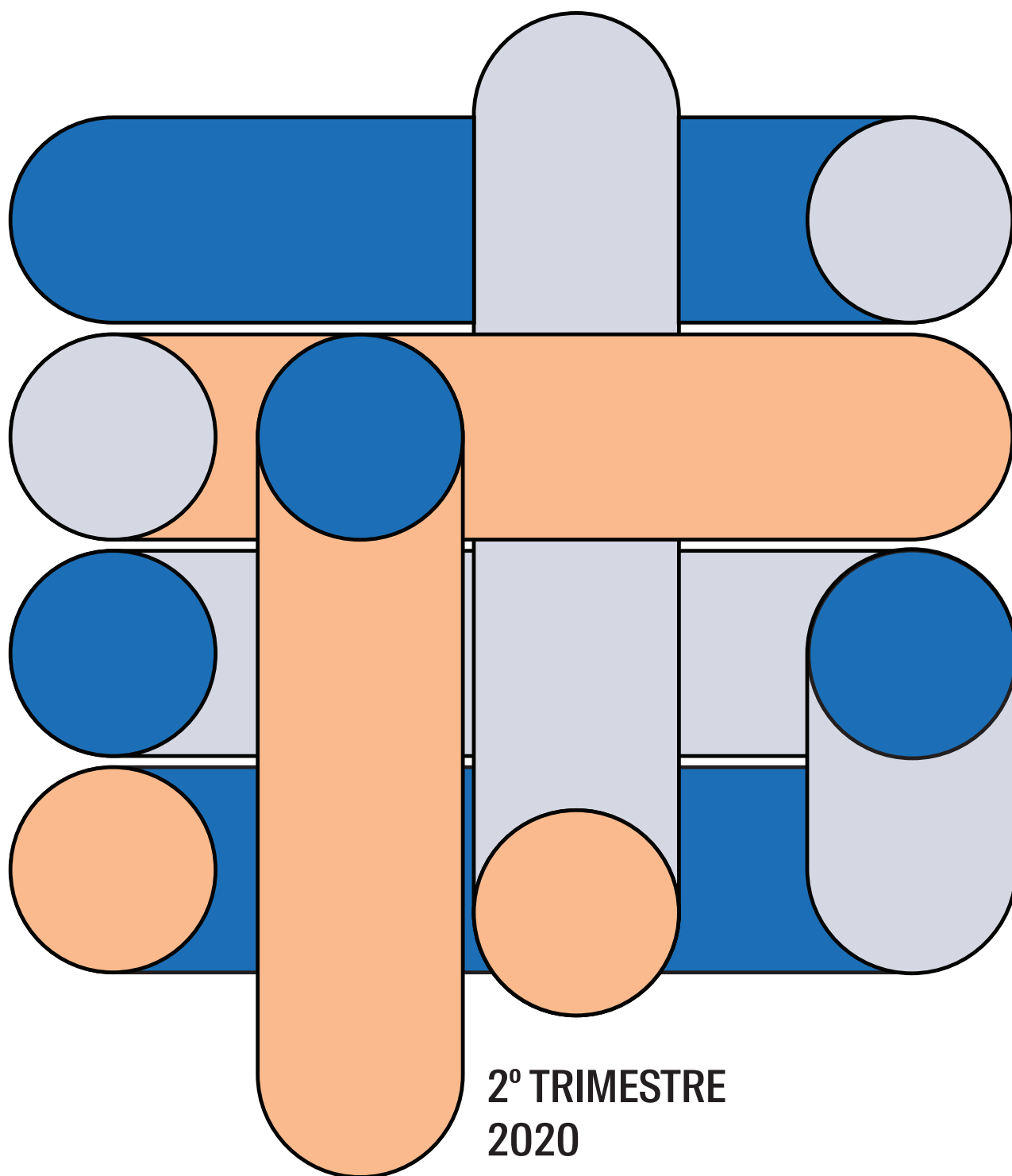


# análise trimestral de conjuntura



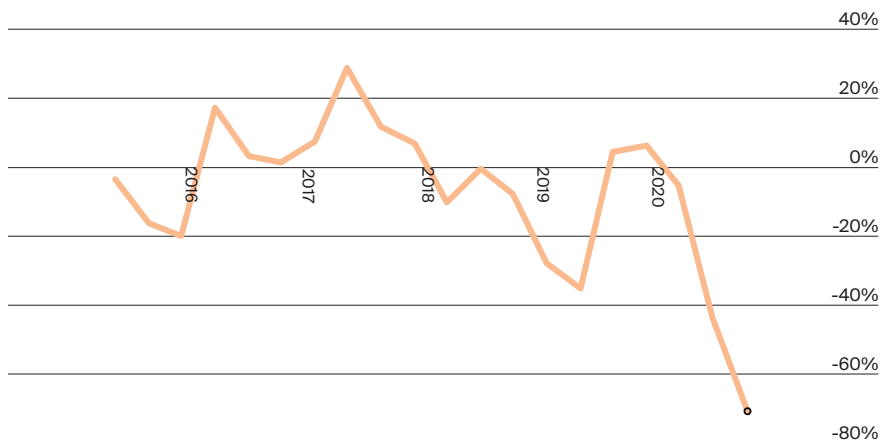
à indústria de calçado

O segundo trimestre de 2020, a que este Boletim se reporta, foi marcado pelos esforços de contenção da pandemia de COVID-19 que obrigaram a medidas de confinamento, em Portugal e em muitos dos principais mercados do calçado português. Inevitavelmente, isto refletiu-se no desempenho do setor: 75% das empresas inquiridas dizem que a sua produção diminuiu face ao trimestre anterior, 72% que a utilização da sua capacidade produtiva esteve abaixo do normal para a época do ano e percentagens ainda mais elevadas apontam para que as suas carteiras de encomendas tenham diminuído. A falta de encomendas é a preocupação fundamental dos inquiridos e a percentagem das que dizem não enfrentar nenhuma limitação é agora a mais baixa de sempre.

As empresas estão, no entanto, menos pessimistas quanto ao que se passará nos meses imediatos do que acontecia no final do primeiro trimestre: apesar de continuarem desfavoráveis, as perspetivas para evolução da produção e das encomendas são consideravelmente melhores do que eram há três meses, o que leva a que a maioria das empresas acreditem que, no terceiro trimestre, o estado dos negócios será bom ou, pelo menos, suficiente.

# produção

Como seria previsível face à evolução da situação epidemiológica, no segundo trimestre, a maioria (75%) das empresas da indústria portuguesa de calçado registou uma diminuição da produção face ao trimestre anterior, sendo escassas as que a aumentaram: o saldo de resposta extremas (s.r.e.) atingiu -67 pontos percentuais (p.p.), superando largamente o recorde negativo que tinha sido fixado no primeiro trimestre. A evolução foi, apesar de tudo, menos desfavorável para as empresas mais orientadas para os mercados externos: entre as que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional, o s.r.e. atingiu -92 p.p.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

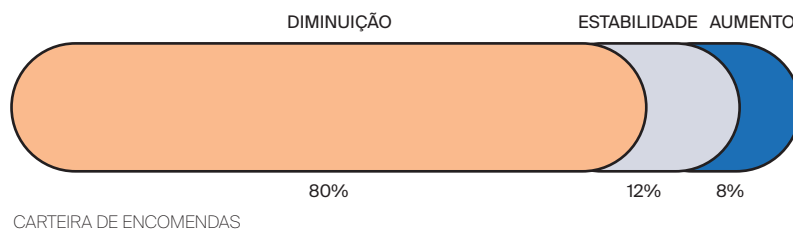
# utilização da capacidade



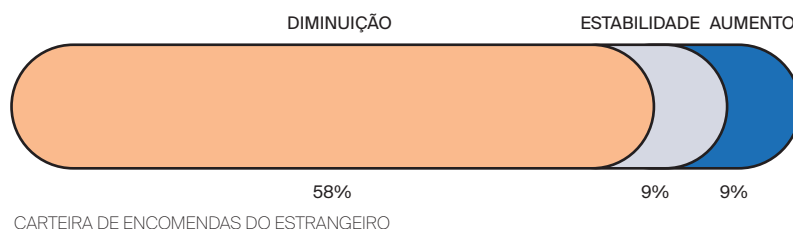
Quase três quartos das empresas (72%) declaram que, no segundo trimestre, o seu nível de utilização da capacidade produtiva esteve abaixo do normal para a época do ano, não se verificando grandes oscilações em função da sua dimensão ou orientação de mercado. Nesta matéria, não se verificou alteração significativa face ao 1º trimestre, tendo até havido um ligeiro desagravamento do saldo de respostas extremas, de -69 para -68 p.p.

# carteira de encomendas

Embora a sua evolução no primeiro trimestre já tivesse sido muito desfavorável, quatro em cada cinco empresas dizem que, no segundo trimestre, a carteira global de encomendas diminuiu face ao trimestre anterior. O saldo de respostas extremas atinge -72 p.p., agravando-se em 23 p.p. face ao recorde negativo do trimestre anterior. As empresas orientadas em exclusivo para o mercado nacional indicam quase unanimemente (92%) que a carteira de encomendas diminuiu.

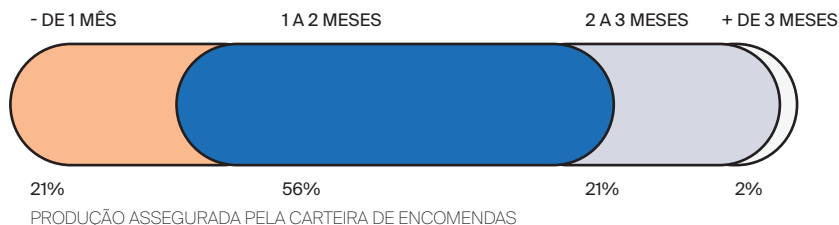


O panorama relativo à carteira de encomendas do estrangeiro não é, no entanto, mais favorável: embora a escassa percentagem de empresas que dizem que a carteira aumentou seja ligeiramente maior, o mesmo acontece com a das que afirmam que diminuiu, gerando um idêntico s.r.e. de -73 p.p., estabelecendo também um novo máximo negativo para esta variável.



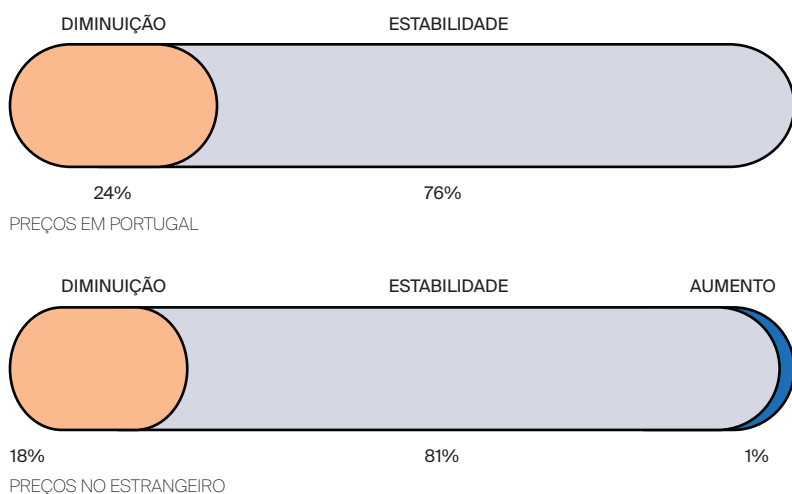
# horizonte

Dada esta evolução da carteira, a percentagem de empresas que dizem ter encomendas para mais de três meses de atividade é de apenas 2%, o nível mais baixo de sempre. Menos de um quarto das empresas dizem ter, pelo menos, 2 meses de produção assegurada, percentagem que só foi inferior em alguns trimestres do período 2003-2005. Há, no entanto, alguns sinais positivos, na medida em que a percentagem de empresas que dizem ter menos de 1 mês de produção garantida caiu de 34%, no primeiro trimestre, para 21%, no segundo.



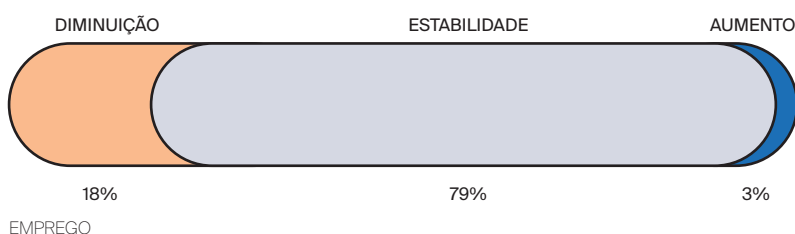
# preços

Com o encerramento do comércio a retalho durante grande parte do trimestre e a sua lenta recuperação depois da reabertura, não surpreende que nenhuma empresa indique que os preços em Portugal subiram e que apenas 1% o façam relativamente ao estrangeiro. O saldo de respostas extremas relativo à evolução dos preços no nosso país é, por isso, idêntico aos 24% de empresas que indicaram que os preços desceram, o que constitui um novo mínimo histórico para este indicador. Quanto aos preços no estrangeiro, o s.r.e. manteve-se idêntico ao trimestre anterior, situando-se em -17 p.p.



# pessoas ao serviço

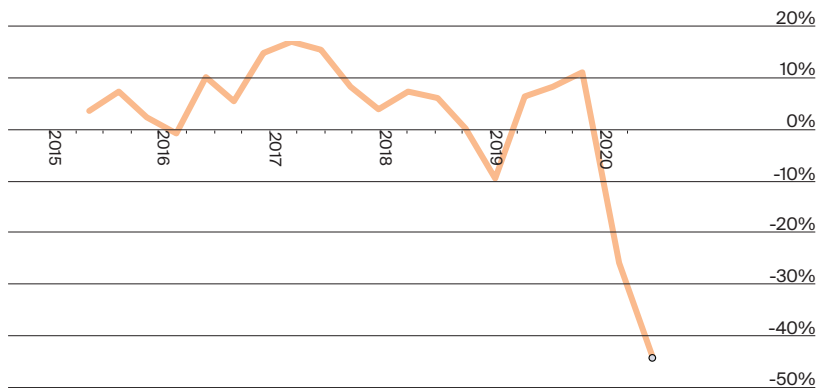
A larga maioria (79%) das empresas do setor mantiveram, no segundo trimestre, o número de pessoas ao seu serviço, mas a degradação da situação conjuntural começa a refletir-se no mercado de trabalho: as empresas que indicaram uma redução do emprego excederam em 15 p.p. as que referiram um aumento, resultado, apesar de tudo, bastante menos negativo do que as previsões formuladas no final do trimestre anterior. Ao contrário do que se verificou em termos de produção, as empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional apresentam um s.r.e. menos desfavorável (-8 p.p.) do que as restantes.



# 1. APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 2º TRIMESTRE DE 2020

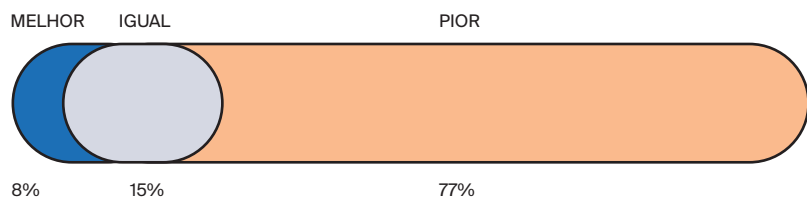
## estado dos negócios

A avaliação que os inquiridos fazem do estado dos negócios agravou-se face ao primeiro trimestre do ano, estabelecendo um novo recorde negativo: as empresas que consideram que o estado dos negócios no segundo trimestre foi mau superaram em 47 p.p. as que entendem que foi bom, resultado ainda assim menos desfavorável do que os -66 p.p. previstos no trimestre anterior.



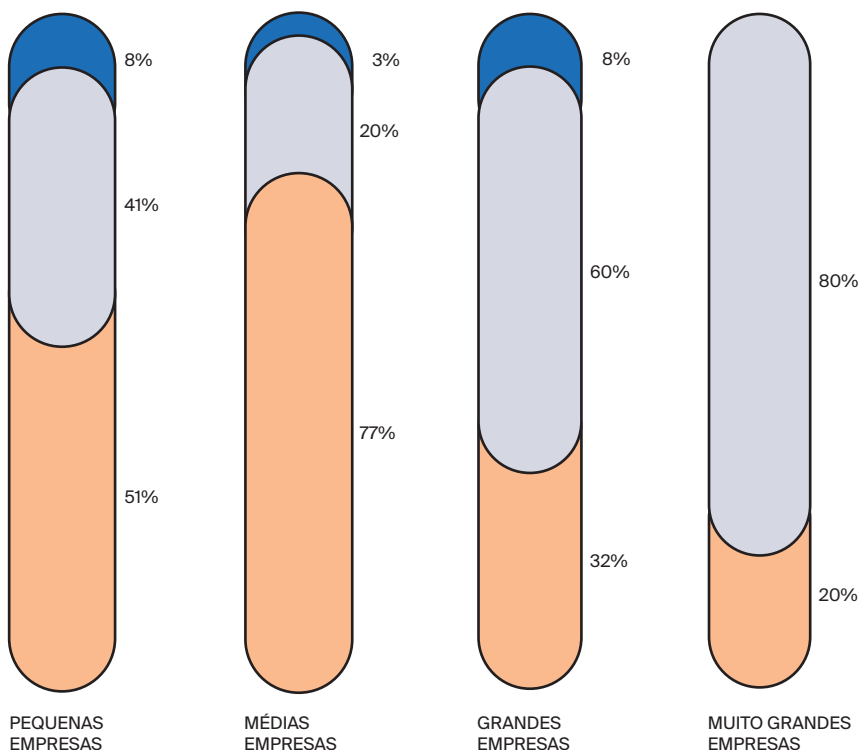
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

Apesar da situação pandémica, 8% das empresas consideram que o estado de negócios no segundo trimestre de 2020 foi melhor do que no trimestre homólogo de 2019. No entanto, as que pensam o contrário são em percentagem muito superior (77%), gerando um s.r.e. de -69 p.p., o mais negativo de que há registo.



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

A apreciação sobre o estado dos negócios é claramente pior nas empresas de menor dimensão: a percentagem de inquiridos que entendem que o estado dos negócios no segundo trimestre foi mau é de 51% entre as empresas com menos de 50 trabalhadores e 77% entre as que têm entre 50 e 100, mas apenas 24% nas que têm 100 a 250 trabalhadores e 20% nas que ultrapassam esse limiar. Não existem diferenças significativas, nesta matéria, em função da orientação de mercado.



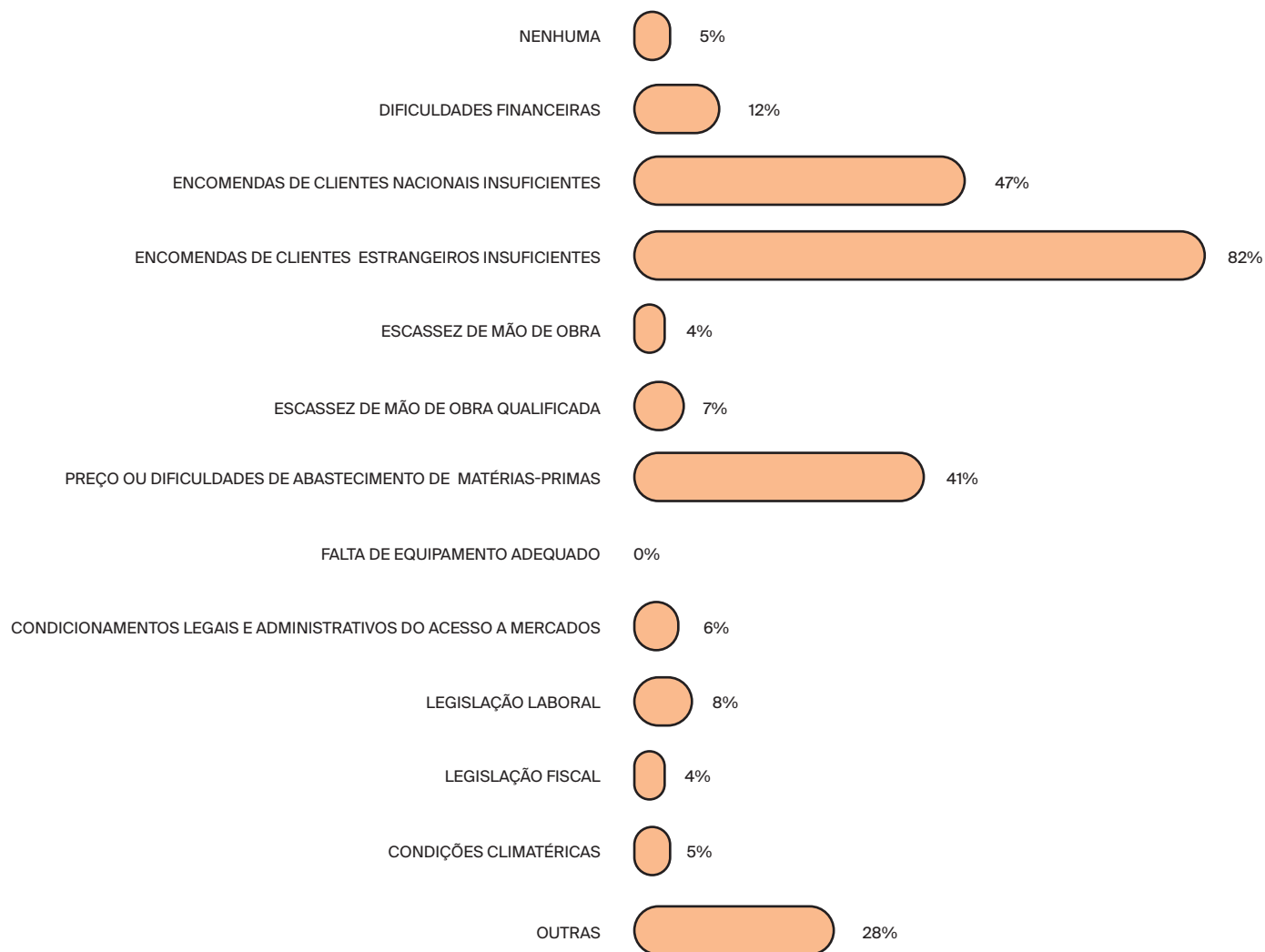
↑ BOM  
SUFICIENTE  
MAU

# limitações à produção e vendas

As respostas das empresas quanto às limitações à produção e vendas que enfrentam são consistentes com o cenário de acentuada degradação da conjuntura, que resulta das respostas anteriores, e com os esforços de contenção da pandemia vividos no segundo trimestre. Com o encerramento do comércio em Portugal e em muitos dos principais mercados das exportações portuguesas, houve uma quebra abrupta nas encomendas: mais de quatro em cada cinco empresas (82%) dizem ter-se debatido com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros e quase metade (47%) com insuficiência de encomendas de clientes nacionais. A preocupação com o mercado nacional é maior entre as pequenas empresas, ultrapassando os 50%, sendo referida por apenas 20% das empresas com mais de 250 trabalhadores. Simultaneamente, as empresas que continuaram a laborar com alguma normalidade debateram-se com dificuldades resultantes da perturbação nas suas cadeias de fornecimento, levando a que o preço, ou dificuldade de abastecimento de matérias-primas, surja em terceiro lugar entre as dificuldades mais referidas (41%).

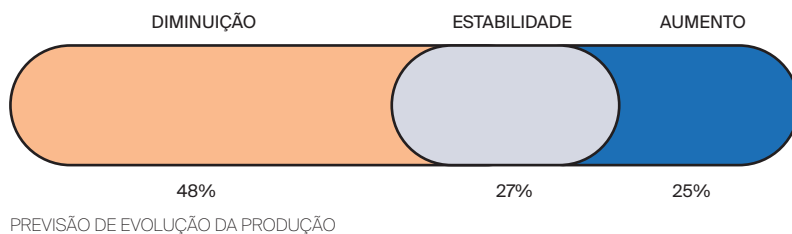
Uma percentagem significativa de empresas (28%) referiu-se a “outras” dificuldades não explicitamente listadas no inquérito a que responderam. As restantes dificuldades receberam, em geral, um número pouco expressivo de referências, inferior a 10%. Assim acontece, nomeadamente, com a escassez de mão de obra qualificada, que há um ano recebia 36% de referências e agora recebe apenas 7%, e com as condições climáticas, que recebiam 21% e agora recebem 5%. As escassas referências a escassez de mão de obra qualificada provêm exclusivamente de empresas que exportam mais de 75% do seu volume de negócios.

O único outro fator a ultrapassar os 10% são as dificuldades financeiras, com 12% de referências, mas que, algo surpreendentemente no contexto atual, não mostram ainda tendência clara de agravamento. As referências a dificuldades desta natureza provêm exclusivamente de empresas com menos de 100 trabalhadores, sendo particularmente frequentes entre as que têm menos de 50. Sinal claro da degradação da conjuntura, é a redução da percentagem de empresas que afirmam não enfrentar nenhuma dificuldade para 5%, igualando o mínimo histórico desta variável, registado precisamente há vinte e cinco anos, na primeira edição deste Boletim.



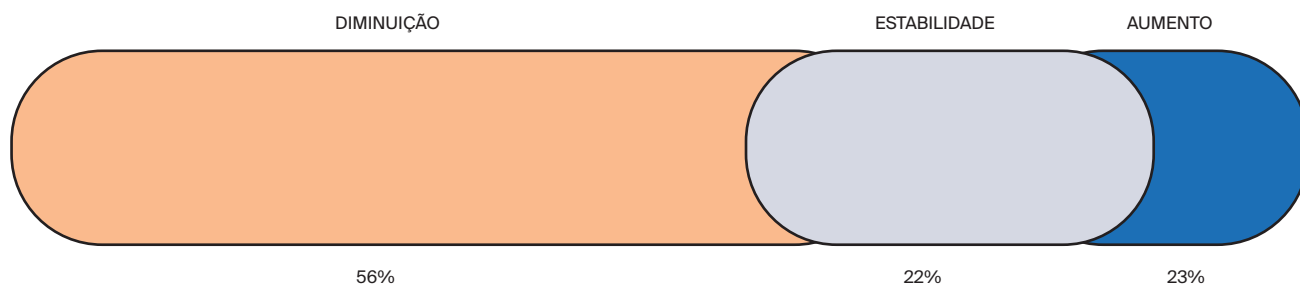
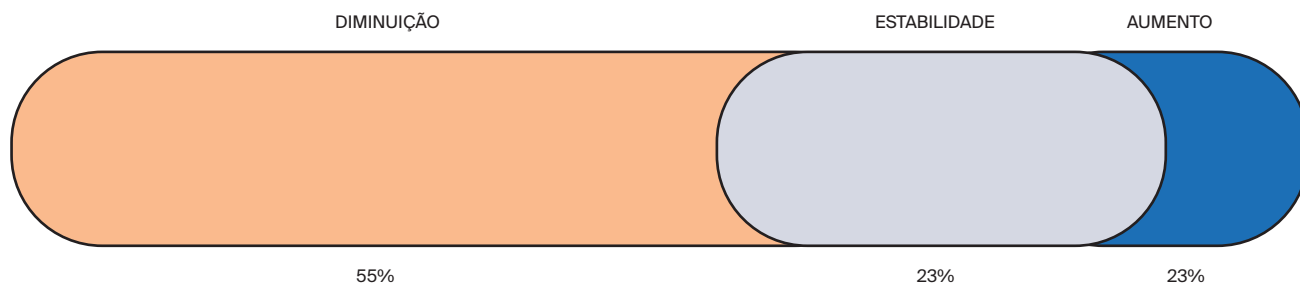
# tendência da produção

Embora permaneçam negativas, as perspetivas das empresas para a evolução da produção apresentam uma forte melhoria: a maioria das empresas acredita que a sua produção no terceiro trimestre irá estabilizar ou aumentar. O saldo de respostas extremas mantém-se negativo, mas sobe de -76 p.p. no trimestre anterior para -23 p.p. agora. As empresas que vendem maioritariamente para os mercados internacionais estão menos pessimistas do que as que vendem sobretudo para o mercado nacional.



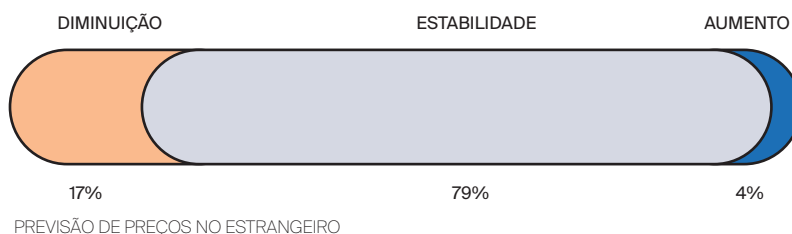
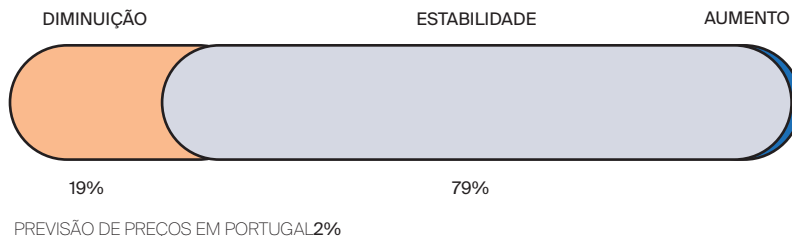
# perspetivas de encomendas

As perspetivas para a carteira de encomendas, global e do estrangeiro, têm uma evolução semelhante às da produção, embora as empresas que receiam uma diminuição se mantenham maioritárias. Os respetivos saldos de respostas extremas são de -31 p.p. e -33 p.p. em ambos os casos demonstrando uma forte melhoria face aos valores próximos de -80 p.p. registados no trimestre anterior. Esta melhoria não é, no entanto, extensiva às empresas que vendem maioritariamente para o mercado nacional.



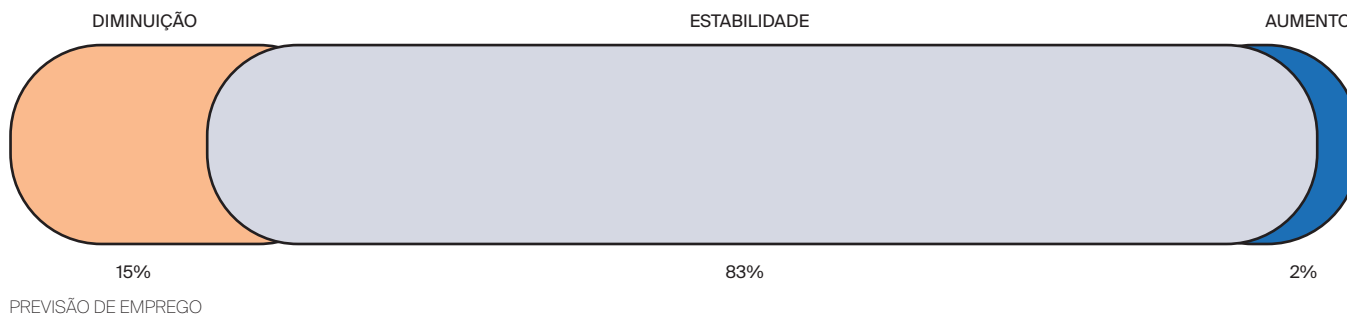
# perspetivas de preço de venda

Uma larga maioria de empresas (79%) prevê que, no próximo trimestre, os preços de venda estabilizem, tanto em Portugal como no estrangeiro. No entanto, as que receiam que os preços desçam excedem as que acreditam que subam, por uma margem de 17 p.p., para o mercado nacional, e 13 p.p., para os internacionais. Embora continuem a ser consideráveis, estes s.r.e. negativos reduziram para menos de metade face ao trimestre anterior, implicando um significativo desagravamento das perspetivas.



# perspetivas sobre o emprego

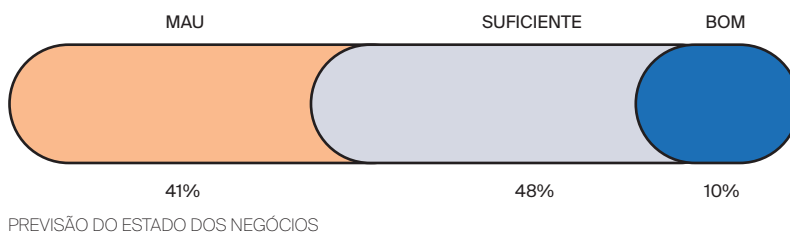
Mais de quatro em cada cinco empresas inquiridas (83%) acreditam poder manter o nível de emprego no terceiro trimestre. O saldo entre as que pensam aumentá-lo e reduzi-lo é de -13 p.p., cerca de metade do valor negativo registado no trimestre anterior, traduzindo também um desagravamento das perspetivas empresariais. Além disso, em termos comparativos, este valor encontra-se longe dos recordes negativos, da ordem dos -30 p.p., registados em 2005.



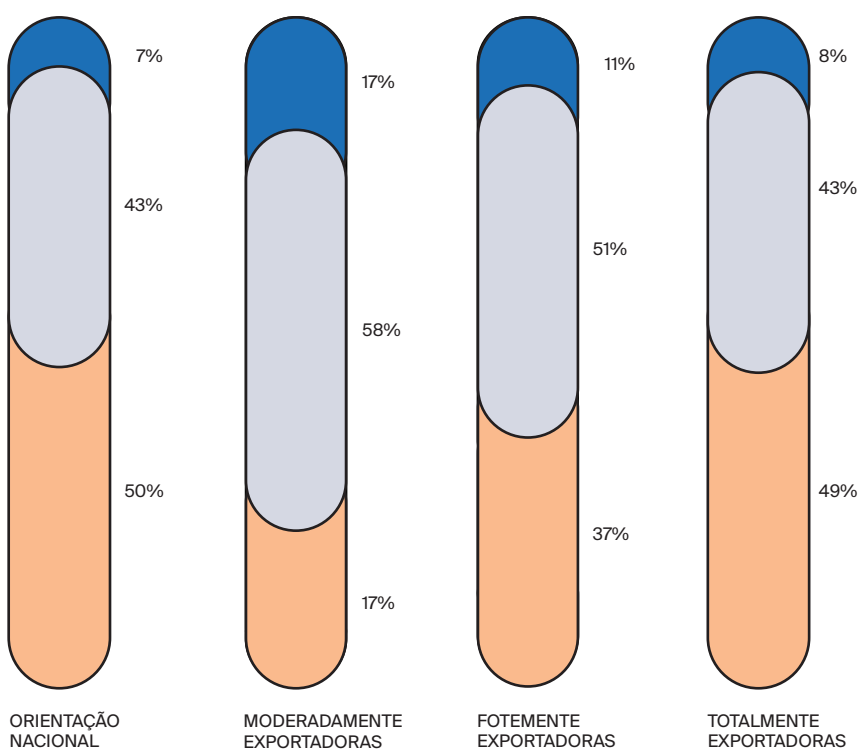


# perspetivas sobre o estado dos negócios

Tal como as respostas anteriores, as perspetivas das empresas para o estado dos negócios mostram uma melhoria considerável face ao trimestre anterior, embora se mantenham negativas: as empresas que receiam que o estado dos negócios seja mau excedem em 31 p.p. as que acreditam que seja bom, mas no primeiro trimestre este s.r.e. era de -66 p.p. Sem prejuízo desta melhoria, os inquiridos acreditam maioritariamente (64%) que o estado dos negócios no terceiro trimestre de 2020 será pior do que no trimestre homólogo de 2019.



As perspetivas para o terceiro trimestre não apresentam relações óbvias nem com a dimensão nem com a orientação de mercado das empresas. Quanto a este último aspeto, as empresas moderadamente exportadoras (i.e. que exportam 50% a 75% do seu volume de negócios) são as que formulam previsões menos desfavoráveis, com um s.r.e. de -8 p.p. Este saldo atinge valores da ordem dos -40 p.p. tanto para as empresas que se dedicam maioritariamente ao mercado nacional como para as que se dedicam exclusivamente à exportação. Em termos de dimensão, as empresas com 100 a 250 trabalhadores são as menos pessimistas.



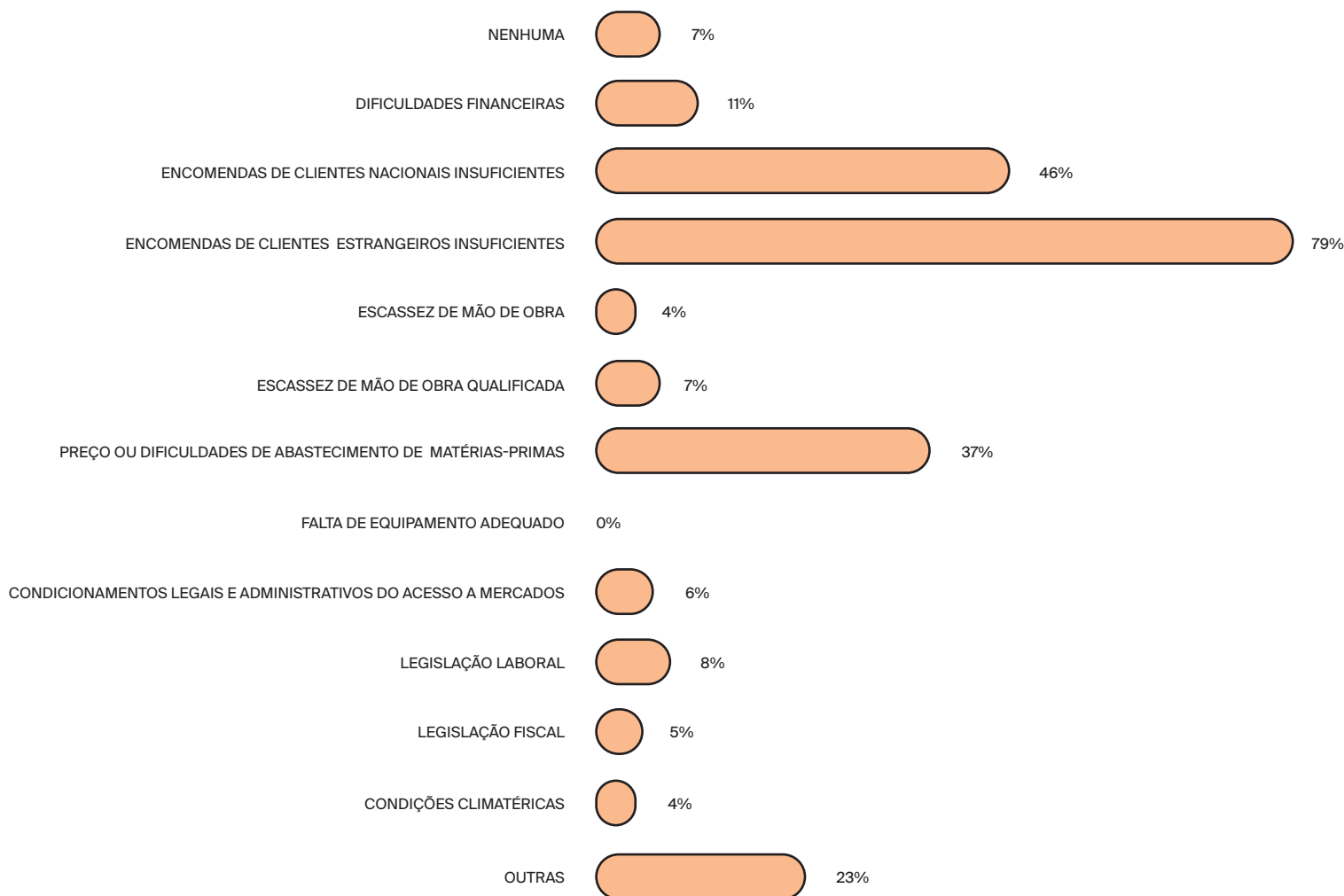
↑ BOM  
SUFICIENTE  
MAU

# limitações previstas

As previsões das empresas quanto às limitações que irão sentir no terceiro trimestre apontam para um ligeiro desagravamento da conjuntura.

A preocupação mais generalizada é a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros que é mencionada por 79% dos inquiridos, menos 3 p.p. do que a percentagem dos que a referiram relativamente ao segundo trimestre. Por sua vez, a insuficiência de encomendas de clientes nacionais é mencionada por 46% das empresas, menos 1 p.p. do que no trimestre anterior, e o preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas por 37% dos inquiridos, 4 p.p. menos do que antes. Também as referências a “outras” dificuldades não especificadas se reduzem em 5 p.p., para 23%, e as referências a dificuldades financeiras em 1 p.p., para 11%. O único caso de aumento de referências relaciona-se com a legislação fiscal, mencionada agora por 5% das empresas, aumentando 1 p.p., mas permanecendo muito reduzidas.

O ligeiro desagravamento da conjuntura é também sinalizado pelo aumento em 2 p.p., para 7%, da percentagem de empresas que indicam não prever nenhuma dificuldade.



# notas de conjuntura

A pandemia de COVID-19 continua a marcar a evolução recente e as perspetivas de curto e médio prazo para a economia portuguesa e internacional. Embora, no nosso país e na maioria da Europa, a progressão da pandemia pareça estar relativamente contida, não se verificando, de momento, um aumento exponencial do número de casos, a verdade é que não existem previsões seguras quanto ao que acontecerá nos próximos meses, particularmente quando se entrar no outono e inverno, períodos potencialmente mais propensos à difusão de uma doença desta natureza. Por isso, as projeções económicas apresentadas pelas mais variadas instituições estão rodeadas de uma altíssima incerteza.

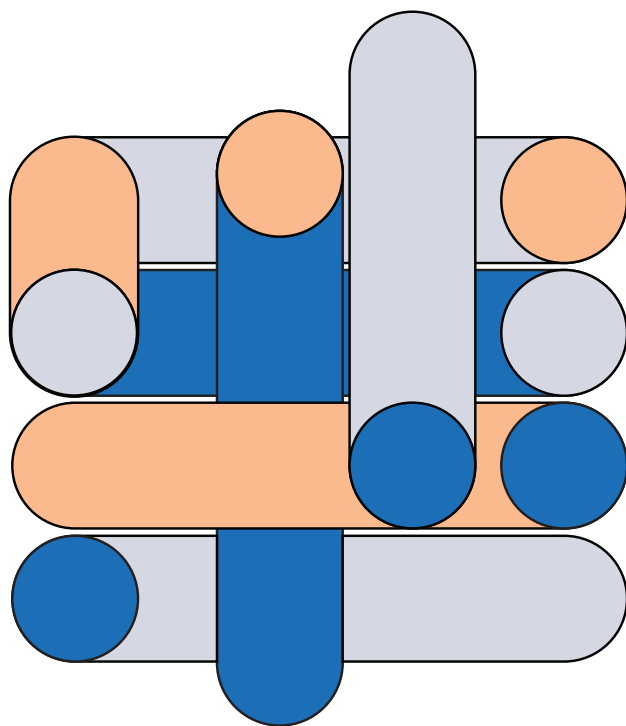
Os números mais recentes do Instituto Nacional de Estatística relativos à evolução da economia portuguesa continuam a referir-se ao 1º trimestre de 2020. Nesse período, o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 2,3%, face ao período homólogo de 2019, o resultado trimestral mais negativo desde o início de 2013. Esta quebra resultou do abrandamento brusco da atividade em março, dado que em janeiro e fevereiro a economia tinha tido uma evolução positiva.

Para as exportações, estão disponíveis dados mais atualizados. Até maio, no conjunto do ano, as exportações portuguesas de calçado apresentam uma queda de cerca de 20% face a 2019 que, apesar de muito significativa, é porventura mais moderada do que as respostas das empresas sobre a evolução da sua produção e encomendas fariam recear. Numa análise mensal, o ano começou com algum crescimento das exportações em janeiro (1,7%), mas a partir de fevereiro, à medida que a pandemia foi fazendo sentir os seus efeitos nos mercados internacionais, registaram-se quebras cada vez mais acentuadas que atingiram um máximo de 52% em abril. Em maio, verificou-se já algum desagravamento, embora ainda muito limitado, com uma quebra de 43% face ao mesmo mês do ano anterior. Na medida em que as perspetivas das empresas acima analisadas se revelem acertadas, é de esperar que os próximos meses continuem a apresentar quebras face a 2019, embora de valores mais baixos do que os registados em abril e maio.

O Fundo Monetário Internacional publicou em junho uma atualização das perspetivas económicas que tinha divulgado em abril, agravando a sua previsão para a queda da economia mundial em 1,9 pontos percentuais: o FMI prevê agora que o PIB mundial caia 4,9% este ano. Diz o Fundo que “A pandemia de COVID-19 teve um impacto mais negativo do que esperado na atividade no primeiro semestre de 2020 e estima-se que a recuperação seja mais gradual do anteriormente previsto.” O FMI acredita que em 2021 haverá uma forte recuperação (5,4%), mas que, ainda assim, deixará o PIB mundial 6,5% abaixo das previsões que o mesmo Fundo tinha formulado há apenas 6 meses, em janeiro.

O FMI prevê agora evoluções muito negativas da atividade económica em todos os principais mercados do calçado português no corrente ano. No conjunto da área euro, o PIB deverá cair 10,2%, sendo a quebra ainda mais acentuada em mercados fundamentais, como a França (12,5%) e a Espanha (12,8%). A previsão para a Alemanha é um pouco menos desfavorável (-7,8%), mas ainda assim acentuadamente negativa. Para o Reino Unido, o FMI formula uma previsão idêntica à da área euro (-10,2%), enquanto para os EUA é ligeiramente menos pessimista (-8%). Entre os 30 países para quem o FMI apresenta previsões individualizadas, apenas a China e o Egito não deverão registar quebras do PIB em 2020, embora as suas taxas de crescimento previsionais sejam muito modestas (1% e 2%, respetivamente).

As previsões publicadas pela Comissão Europeia no início de julho são ligeiramente menos desfavoráveis do que as do FMI, apontando para uma quebra do PIB de 8,7% na área euro, 10,9% em Espanha, 10,6% em França e 6,3% na Alemanha. A Comissão Europeia prevê que o PIB português diminua 9,8%, considerando mais provável que diminua ainda mais do que aconteceu o inverso.



**APICCAPS**

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

COMPETE  
2020

PORTUGAL  
2020

